

## As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969) - “Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar” (1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” (2015)

Eleonora Beatriz Ramina Apolinário \*

Giulia Aniceski Manfredini \*\*

Mariana Mehl Gralak \*\*\*

Mayume Christine Minatogawa \*\*\*\*

Thaís Cattani Perroni \*\*\*\*\*

**Resumo:** O início da história da luta por direitos da comunidade LGBT, por vezes, é atribuído às manifestações contra a invasão do bar *Stonewall Inn*, no episódio que ficou conhecido como “rebelião de Stonewall”. O presente artigo objetiva pensar como se deu a construção da memória sobre o movimento de Stonewall ocorrido na cidade Nova Iorque, em 1969. Além disso, buscamos analisar de que maneira a experiência LGBT estadunidense é representada no cinema. Dessa forma, abordamos o contexto dos Estados Unidos da época, bem como o

---

\* Graduada do Curso História Bacharel e Licenciatura, pela Universidade Federal do Paraná. Possui experiência em história do cinema. E-mail: eleonora.beatriz97@gmail.com.

\*\* Graduada do Curso História Bacharel e Licenciatura pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista do PIBID História - I, até o fim do mesmo programa em 2018. Estagiária de História no Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos, no Ministério Público do Paraná. Possui experiência em gênero e história contemporânea. E-mail: giu.aniceski@gmail.com.

\*\*\* Graduada do curso História Bacharel e Licenciatura pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista do PET História UFPR. Possui experiência em história contemporânea e história dos Estados Unidos. E-mail: marigralak@gmail.com.

\*\*\*\* Graduada do Curso História Bacharel e Licenciatura, pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista do PET história UFPR. Possui experiência em história antiga, história contemporânea e estudos de gênero. E-mail: m.minatogawa1@gmail.com.

\*\*\*\*\* Graduada do Curso História Bacharel e Licenciatura, pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista do PET história UFPR. Possui experiência em história contemporânea e história da educação. E-mail: thais302cattani@gmail.com.

Eleonora Beatriz Ramina Apolinário; Giulia Aniceski Manfredini; Mariana Mehl Gralak;  
Mayume Christine Minatogawa; Thaís Cattani Perroni

que foram os protestos de Stonewall e seu impacto para a comunidade LGBT. A questão da memória foi pensada a partir de fontes audiovisuais, com dois longa-metragens, “Stonewall - A Luta pelo Direito de Amar” (1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” (2015), que tiveram diferentes recepções pelo público. Abordamos como esses dois filmes, apesar de tratarem do mesmo ocorrido, possuem narrativas e leituras diferentes sobre a rebelião de Stonewall.

**Palavras-chave:** Stonewall; História e cinema; Memória; Movimentos Sociais.

## Introdução

O movimento de Stonewall, que aconteceu nos Estados Unidos em junho de 1969, é tido como um marco para a comunidade LGBT<sup>1</sup> ocidental, principalmente no que diz respeito à resistência e luta pelos direitos dessas pessoas. Considerando a importância dos acontecimentos em Nova Iorque, que tiveram *Greenwich Village* como palco, não tardaram a surgir memórias em diversas mídias sobre Stonewall, incluindo o cinema. Elegemos duas destas, “Stonewall - A Luta pelo Direito de Amar” (1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” (2015), para demonstrar como trabalhar com esse tipo de fonte permite entrar em contato com discursos diferentes daqueles trazidos pelos documentos considerados tradicionais. As fontes audiovisuais, e particularmente o cinema, são produtos culturais que abrem um campo vasto em relação às tipologias de fontes a que os historiadores recorrem para a compreensão de um período, de uma sociedade ou da memória sobre um acontecimento.

Como afirma Michèle Lagny (2009, p. 106), “o cinema desempenha um papel ainda

---

<sup>1</sup> O termo LGBT foi cunhado e passou a ser utilizado nos Estados Unidos a partir do ano de 1988. Para o presente trabalho, porém, o utilizaremos por considerarmos que termos como “gays”, “lésbicas” e outros utilizados no período em questão não abarcam a pluralidade de sexualidades e identidades de gênero dos indivíduos que participaram e foram afetados pelos fatos dos quais trataremos.

As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969) - “Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar” (1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” (2015) mais essencial que acontece, dele próprio se encarregar de traduzir para a ficção aquilo que a memória oficial procurou ocultar”, mas, como qualquer tipo de fonte, o cinema possui suas limitações. Não se entende a produção fílmica como um retrato da realidade, tanto em relação à documentários como à ficção. Toda imagem possui uma intenção, consciente ou casual<sup>2</sup>, que está demonstrada na tomada de decisão da direção do enquadramento da câmera, do que é filmado, do que está no primeiro plano, da sequência das cenas. Um filme é, portanto, uma representação e o interesse de pesquisa está menos na medição da realidade da narrativa visual e mais “sobre a percepção que dela temos, ou que queremos ou podemos lhes dar, em um momento preciso, datado e localizado” (LAGNY, 2009, p. 102). Essa questão aponta para outra preocupação metodológica: o reconhecimento dos filmes também como produtos históricos que podem reproduzir ou desmistificar discursos.

### **Estados Unidos na década de 1960**

A década de 1960 nos Estados Unidos foi marcada pela erupção e expansão da vida pública, de forma que as relações de poder que anteriormente eram consideradas pertencentes à esfera privada da sociedade, passaram a ser contestadas e definidas como problemas políticos que deveriam ser abordados pelo Estado (FARBER, 1994, p. 3). O mundo moderno, que buscava se definir a partir de uma univocidade, torna-se então um caleidoscópio múltiplo de encontros entre culturas, contra culturas, gêneros, estilos de vida, etnias, sexualidades, e outros fatores, deixando de ser delineado apenas por classes sociais demarcadas pela infraestrutura econômica (GROPPO, 2000, p. 12).

Por conta de suas origens puritanas, as leis dos Estados Unidos tradicionalmente oprimiram aqueles que se engajavam em relações que não fossem heterossexuais. Com o crescimento da extrema direita após a Segunda Guerra Mundial, caracterizada pelo anticomunismo e pela exigência de uma “harmonização total da sociedade”, leis voltadas à

---

<sup>2</sup> Para mais informações, consultar FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

**Eleonora Beatriz Ramina Apolinário; Giulia Aniceski Manfredini; Mariana Mehl Gralak;  
Mayume Christine Minatogawa; Thaís Cattani Perroni**

punição da população LGBT se tornaram cada vez mais severas (CARTER, 2005, p. 23). No final da década de 1960, relações consideradas homossexuais eram ilegais em todos os estados norte-americanos, com exceção de Illinois, e demissões e despejos por conta da sexualidade dos indivíduos eram ações legais.

No campo medicinal, o “homossexualismo” era considerado uma doença, e os indivíduos LGBTs eram dirigidos a tratamentos psiquiátricos intensivos, com eletrochoque, castração e lobotomia (BAUSUM, 2015, p. 14). De acordo com o pesquisador David Carter, o homossexual era visto como um degenerado que, não se contentando em sê-lo individualmente, buscava corromper demais vítimas, geralmente mais novas. Ou seja, além de vista como doença, a homossexualidade julgada sob este aspecto era posta próxima de delitos como vício em drogas, roubo, sadismo e mesmo assassinato (CARTER, 2005, p.23). Ser homossexual na sociedade estadunidense de 1960 era deixar de lado a moralidade. Este quadro denuncia uma contradição da década que mais abrigou revoluções e movimentos sociais ao redor do mundo: enquanto o palco central dos movimentos sociais demonstrava uma rápida mudança política e social em prol da liberdade, a comunidade gay experimentava o recrudescimento da homofobia sistêmica.

Nesse período, também, a cidade de Nova Iorque crescia em termos populacionais, e muitos indivíduos LGBT transferiram-se para a cidade em busca de oportunidades e de encontros com outros como eles (NELSON, 2015, p. 5). Apesar de sofrerem abusos físicos, psicológicos e emocionais, a população LGBT da cidade de Nova Iorque conseguia se reunir nos bares e baladas gays. Tais estabelecimentos, principalmente aqueles localizados em *Greenwich Village*, sofriam ataques da polícia e um desses bares, o *Stonewall Inn*, foi atacado em junho de 1969, gerando uma série de manifestações.

## **Stonewall**

O cenário que relegou a população LGBT à marginalidade incitou a procura por

As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969) - “Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar” (1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” (2015) brechas para que seus membros tivessem seus direitos assegurados, incluindo o lazer – o que em um contexto de tamanha repressão era também um ato de resistência. Em *Greenwich Village* foi fundado, em 1967 o *Stonewall Inn*, comandado por Fat Tony, filho de um chefe da máfia, que se tornou reconhecido como um templo da homossexualidade (CARTER, 2005, p. 98). Na década de 60, clubes destinados à comunidade gay funcionavam sob a fachada de um “*bottle club*”, para evitar as batidas policiais e facilitar o seu funcionamento, pois seria um clube privado. A proximidade com a máfia e os bares gays é explicada pelo conhecimento amplo de como burlar as regras, que permitia à comunidade gay gozar de espaços próprios.

A polícia de Nova Iorque, liderada pelo Inspetor Seymour Pine, quebrou as “regras de boa convivência” ao fazer visitas ao *Stonewall Inn* fora dos horários e dias negociados com a máfia, que pagava propina aos policiais que faziam a ronda na região. No dia 28 de junho de 1969, Pine tentou fechar o bar sob a alegação que não havia a licença para vender bebidas alcoólicas, tido como crime pelas Leis Alcoólicas Estaduais<sup>3</sup>. Entretanto, Ann Bausum (2015, p. 33-34) afirma que a motivação era outra: não tendo como provar que o bar era o centro de um esquema de chantagem do crime organizado, Pine encontrou nas Leis Alcoólicas Estaduais o respaldo que necessitava. O estabelecimento foi invadido, e os demais clientes foram separados daqueles que faziam parte da equipe de funcionários e das travestis. Com esse ato, a polícia começou a enfrentar resistência. Ao liberarem gradativamente os presentes, estes foram compondo uma multidão em frente ao *Stonewall Inn*, que foi apoiada por aqueles que estavam na rua e simpatizaram com a revolta que tomava conta da comunidade.

O ódio pela polícia já era sentimento cultivado pela população LGBT. Por isso, a primeira hostilidade da noite incitou ainda mais a multidão: um policial empurrou uma das travestis quando a colocava no carro da polícia, que reagiu batendo com sua bolsa na face do policial. O ápice do confronto foi quando uma das poucas lésbicas presentes no bar foi

---

<sup>3</sup> State Liquor Law.

**Eleonora Beatriz Ramina Apolinário; Giulia Aniceski Manfredini; Mariana Mehl Gralak;  
Mayume Christine Minatogawa; Thaís Cattani Perroni**

agredida quando resistiu à prisão, o que inflamou a multidão. Em decorrência, Pine e sua equipe refugiaram-se dentro do bar enquanto os rebeldes atiravam moedas, xingamentos e coquetéis molotov no estabelecimento. Cerca de 13 pessoas foram presas na noite que deu início ao Movimento Gay nos Estados Unidos.

Na noite seguinte a multidão voltou ao local, e sob as bandeiras do *"Gay Power"*<sup>4</sup> e *"Equality for Homosexuals"*<sup>5</sup>, deu início a um protesto com cerca de 2 mil pessoas e cerca de 300 policiais. Mesmo sob repressão, *"Christopher Street belongs to the Queens!"*<sup>6</sup> era entoado a plenos pulmões pela comunidade cansada dos ataques à própria vida. Os protestos ocorreram durante toda a semana, se tornando mais inflamados próximo ao dia 2 de julho devido à chegada de grupos políticos de esquerda, apoiadores da "libertação" da população LGBT, que davam suporte à causa. Estes últimos protestos foram mais violentos, com conflitos físicos e depredação de patrimônio.

A *Mattachine Society*, organização que surgiu na década de 1950 e era composta por parte da comunidade gay, organizou a *"March on Stonewall"*<sup>7</sup> em julho de 1969. Desta iniciativa nasceu a Frente de Libertação Gay<sup>8</sup>, com premissas de libertar os homossexuais da opressão e concretizar os direitos humanos para os homossexuais. Em novembro, a Aliança dos Ativistas Gays<sup>9</sup> foi formada com o mesmo intento. Um ano depois dos protestos, foi feita uma marcha de Orgulho Gay, que comemorou tanto os protestos, quanto as conquistas. De acordo com Tiffany Nelson (2015), a Frente de Libertação Gay e a Aliança dos Ativistas Gays foram um sucesso porque além de unir diversos homossexuais e pessoas que apoiavam a

---

<sup>4</sup> Tradução livre: "Poder Gay".

<sup>5</sup> Tradução livre: "Igualdade para homossexuais".

<sup>6</sup> Tradução livre: *"Christopher Street pertence às Queens!"*.

<sup>7</sup> Tradução livre: "Marcha em Stonewall".

<sup>8</sup> Tradução livre: Gay Liberation Front.

<sup>9</sup> Tradução livre: Gay Activists Alliance.

As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969) - "Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar" (1995) e "Stonewall: Onde o Orgulho Começou" (2015) causa, também buscaram unir grupos ao redor do país em torno de um mesmo propósito.

### **A representação fílmica**

"Stonewall - A Luta pelo Direito de Amar", lançado em 26 de dezembro de 1995, é um filme inglês, baseado no livro "Stonewall", do historiador Martin Duberman, e dirigido por Nigel Finch. A maioria dos produtores e roteiristas de "Stonewall", como Rikki Beadle Blair e Christine Vachon, são profissionais membros da comunidade LGBT e engajados na luta por seus direitos.

O filme, que é uma mescla de documentário e ficção, narra a história de Matty Dean, um homem homossexual de aparência heteronormativa que chega em Nova Iorque e conhece La Miranda, uma travesti que o leva para visitar o bar *Stonewall Inn*, cujo dono era um mafioso que pagava a polícia para que menos batidas fossem feitas em seu estabelecimento. Em "Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar", logo em sua primeira visita ao bar, que é retratado com um público majoritariamente de travestis e *Drag Queens*, Matty presencia uma batida policial, reage, e é preso junto com La Miranda. O evento encenado de maneira estudada retrata o cotidiano do funcionamento dos clubes destinados à comunidade gay - "*bottle clubs*" - qual seja: a aproximação com a máfia, conhecida por saber "burlar" o sistema. *Stonewall Inn* é um exemplo muito grifado desse sistema na década de 60, representado no filme.

Ao longo do filme vemos a evolução do relacionamento amoroso de Matty e La Miranda, ao mesmo tempo em que Dean se envolve com o grupo político *Mattachine Society*, formado por membros da comunidade LGBT que lutavam por seus direitos e integração por meio de protestos e panfletagem. Esse grupo, porém, tinha um posicionamento pacifista, pregava um código de vestimenta heteronormativo que deveria ser seguido por seus membros para que fossem aceitos pela sociedade heterossexual. Além disso, o grupo anunciava que a homossexualidade seria uma doença, de forma a ganhar a simpatia da sociedade. Assim, passam a haver conflitos entre Matty Dean e La Miranda, pois o fato de a

**Eleonora Beatriz Ramina Apolinário; Giulia Aniceski Manfredini; Mariana Mehl Gralak;  
Mayume Christine Minatogawa; Thaís Cattani Perroni**

travesti se vestir com roupas femininas e preferir ser chamada por pronomes femininos era algo reprovado pelo grupo. Pode-se pensar que as duas personagens principais do filme representam dois polos distintos da população LGBT: enquanto Matty Dean representa uma parcela que procura se inserir na sociedade buscando a aceitação da mesma, de acordo com as normas sociais já estabelecidas; por sua vez, a personagem de La Miranda representa um setor que tinha como objetivo subverter os padrões comportamentais. A estética das personagens corrobora para essa interpretação, o que é evidenciado inclusive no vestuário, na maquiagem e nas decorações utilizadas na produção fílmica.

O longa-metragem “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” lançado em 2015 e dirigido por Roland Emmerich conta a mesma narrativa do filme de 1995, com personagens muito semelhantes. Nessa versão os protagonistas são Danny (Jeremy Irvine), um jovem vindo de Indiana para estudar na Universidade de Columbia, e Ray (Jonny Beauchamp), um rapaz de aparência andrógina. Danny se envolve com o grupo de protagonistas no filme, formado por homossexuais predominantemente brancos, à exceção da drag queen negra que representa Marsha P. Johnson (representação que é mencionado apenas nos créditos do filme) e de Cong. Posteriormente, Danny também se envolve com a *Mattachine Society*.

O filme em questão foca bastante na prostituição, condição a qual grande parte da comunidade LGBT estava sujeita na época e se contrapõe com a *Mattachine Society*, que não era tão marginalizada. Esse assunto chama atenção, pois mostra a vulnerabilidade e a marginalidade com as quais esse grupo tinha que lidar no período. Porém, em comparação, o filme mais antigo não atribui ênfase a essa questão, que é apenas mencionada de forma bastante breve. Ambos os filmes são finalizados retratando a violenta batida policial do dia 28 de junho de 1969.

A produção de 1995 traz também outras questões do dia a dia da população LGBT nos Estados Unidos em relação com a medicina e a psicologia, principalmente quando La Miranda é chamada a se apresentar ao exército: ao apresentar-se montada com roupas femininas e

As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969) - “Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar” (1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” (2015) maquiagem, é direcionada para uma avaliação psicológica. Nesse momento, a personagem conta seus traumas com psicólogos e psiquiatras, afirmando que aos onze anos de idade havia sido analisada por médicos que queriam que ela recebesse tratamentos com choques elétricos. Esses fatores são ausentes no filme de 2015, que apresenta a questão médica apenas em seu início com a apresentação de um vídeo a respeito do “perigo” dos homossexuais aos alunos da escola de Danny.

Pode-se perceber, também, o desaparecimento das personagens negras e latinas no filme mais recente, que são representadas apenas em papéis secundários, enquanto que em “Stonewall - A Luta pelo Direito de Amar”, a personagem principal é latina (La Miranda), e outra personagem de destaque é Bostonia, uma travesti negra. Além do apagamento de indivíduos negros e latinos percebido no filme mais recente, personagens transexuais não aparecem.

Outras personagens que foram marginalizadas - ou até mesmo apagadas - foram as lésbicas. Em “Stonewall: Onde o orgulho começou”, pode-se notar a presença - fora a de figurantes - de apenas uma mulher lésbica durante toda a trama. Essa atriz, Joanne Vannicola, branca, interpreta o papel da lésbica negra Stormé DeLarverie, que segundo relatos teria dado início à rebelião de Stonewall<sup>10</sup>. A ausência de personagens femininas é percebida também no filme de 1995, em que não há sequer um papel influente de uma mulher lésbica. Percebe-se o apagamento desse grupo de pessoas no imaginário cinematográfico sobre o movimento de Stonewall, o que pode levar o público a pensar que a rebelião que aconteceu em 1969 não teve a participação de mulheres homossexuais, o que não é verídico, como explicita o excerto sobre o que foi Stonewall. Além disso, apagar tais personagens no filme - ou agentes históricas na realidade - demonstra uma espécie de silenciamento do espaço conquistado pelas lésbicas, que possuem um local político e social no qual podem declarar e

---

<sup>10</sup> *Stormé DeLarverie*: a lésbica negra que deu início à rebelião de Stonewall. Disponível em: <<http://www.umoutroolhar.com.br/2017/06/storme-delarverie-lesbica-negra-que-deu-inicio-a-rebeliao-de-Stonewall.html>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

Eleonora Beatriz Ramina Apolinário; Giulia Aniceski Manfredini; Mariana Mehl Gralak;  
Mayume Christine Minatogawa; Thaís Cattani Perroni

celebrar a identidade, como aponta Michael Bronski (NELSON, 2015, p. 19).

É possível notar o caráter comercial do filme de Emmerich, voltado para o grande público. As personagens são ressignificadas e tornam-se, em sua maioria, homens e homossexuais, invisibilizando outras identidades, bem como o papel das mulheres nas revoltas e sua presença histórica no geral. Além disso, o diretor procura desenvolver a história de Danny saindo de sua casa até Columbia, na qual a Revolta de Stonewall não passa de um pano de fundo para seu crescimento pessoal. O *whitewashing*<sup>11</sup> se torna incontestável quando Danny retira o tijolo da mão de Cong (Vlad Alexis), personagem negra, e atira na janela de *Stonewall Inn*, dando “início” à revolta. Assim, a partir das análises, é possível afirmar que Roland Emmerich escolheu atribuir protagonismo a personagens fictícios ao invés de representar as personagens reais e responsáveis pelo acontecimento histórico.

### Considerações finais

A partir da análise destes dois filmes sobre Stonewall pode-se perceber que embora tratem, de modo geral, do mesmo acontecimento, a escolha narrativa e estética de cada um é responsável por apresentar duas produções notavelmente distintas. O filme de 1995 mistura a técnica de documentários com ficção, trazendo personagens esteticamente menos heteronormativas, em relação ao filme de 2015, que, como já citado, foi criticado pelo *whitewashing*<sup>12</sup> em suas representações. Pode-se analisar essa diferenciação a partir de Lagny, quando afirma que a produção cinematográfica

na maior parte do tempo, trata-se de um produto cultural do tipo industrial, qualquer que seja o valor de certas obras. Podemos assim nos perguntar qual

---

<sup>11</sup> Whitewashing é uma prática comum no meio cinematográfico que consiste em contratar atores brancos para representar personagens que historicamente não eram brancos. Disponível em <[https://en.wikipedia.org/wiki/Whitewashing\\_in\\_film](https://en.wikipedia.org/wiki/Whitewashing_in_film)> Acesso em: 23 nov. 2018.

<sup>12</sup> Conferir em: *Stonewall sparks boycott row after claims film 'whitewashes' gay struggle*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/2015/aug/07/stonewall-boycott-claims-roland-emmerich-film-gay-whitewash-sylvia-rivera-marsha-p-johnson>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969) - “Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar” (1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” (2015)

valor representativo real podemos atribuir a um filme: em que medida os apetites de poder, os fantasmas ou os medos de alguns não promovem uma “mentalidade” ou “representações dominantes” partilhadas por autores, mesmo se os filmes conseguem sucesso? (2009, p. 104)

Nessa perspectiva, primeiramente pode-se perceber que apesar de tratar de um evento subversivo, o filme de 2015 apresenta fortes traços de uma estética normativa. O ponto principal é a aparência do protagonista, um bonito jovem branco, que diverge totalmente de La Miranda, um dos protagonistas do filme de 1995, que prefere que utilizem pronomes de tratamento femininos em referência a si, se veste com roupas consideradas “não masculinas” segundo o padrão e é de aparente origem hispânica.

Com isso, os filmes são encarados como fatores da discussão acerca da memória sobre o evento. Se por um lado Stonewall foi um marco da luta dos direitos LGBT nos Estados Unidos e sua celebração é importante, por outro, o evento balizou as experiências LGBT não apenas neste país, mas internacionalmente. A esse respeito, Martin F. Manalansan IV, no artigo *“In the shadows of Stonewall”*, apresenta o ponto de vista de gays filipinos imigrantes nos Estados Unidos para demonstrar que as questões de identidade gay pautadas pela celebração de Stonewall não são representativas de todas as experiências numa dinâmica internacional como uma produção da imprensa e de organizações LGBT internacionalistas poderiam pressupor. Segundo o autor, muitas questões centrais para a comunidade LGBT estadunidense não são representativas para as pessoas à margem desse “centro” (MANALANSAN IV, 1995). O que pode ser notado na experiência brasileira também<sup>13</sup>.

Esse exemplo denota a complexidade em que a construção de uma memória sobre o evento está inserida, pois o seu lugar privilegiado na memória dentro da comunidade LGBT, e

---

<sup>13</sup> Ver mais em: OLIVEIRA, Luana Farias. *Quem tem medo de sapatão?* Resistência lésbica à Ditadura Civil-Militar (1964-1985). *Periódicus*, Salvador, n. 7, v. 1, maio-out. 2017. p. 06-19.; JORNAL LAMPIÃO. Rio de Janeiro, ano 1, n.12, mai. 1979; PET HISTÓRIA UFPR. 4º resultado preliminar de pesquisa. *Stonewall e o movimento LGBT brasileiro*. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1iCUCFy3imUJqiUp350tlzKnBraHpy410/view>>. Acesso em: 26/04/2019.

Eleonora Beatriz Ramina Apolinário; Giulia Aniceski Manfredini; Mariana Mehl Gralak;  
Mayume Christine Minatogawa; Thaís Cattani Perroni

esta mesma enquanto uma unidade transnacional, é problematizado. Assim, os filmes analisados são, como demonstramos ao longo do trabalho, fontes de uma produção cultural dessa memória, e, como afirma Lagny (2009, p. 105) acerca do cinema, “fazem aparecer a complexidade das representações nas quais se embaraçam tentativas de sedução ou de enquadramento ideológico”.

### Referências bibliográficas

- BARROS, José D.'Assunção. Cinema e história—as funções do cinema como agente, fonte e representação da história. *Ler História*, n. 52, p. 127-159, 2007. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/lerhistoria/2547>>. Acesso em: 28 jan. 2019.
- BAUSUM, Ann. *Stonewall: Breaking Out in the Fight for Gay Rights*. New York: Penguin Group, 2015
- CARTER, David. *Stonewall: the riots that sparked the gay revolution*. New York: St. Martin's Press, 2005.
- FARBER, David (org). *The Sixties: From Memory to History*, org. FARBER, David. Chapel Hill e London: The University of North Carolina Press, 1994.
- FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GROPPO, Luís Antonio. *Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis nos anos 1960*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. p. 12. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280786>>. Acesso em: 28 jan. 2019.
- LAGNY, Michèle. O cinema como fonte de história. In: FEIGELSON, Kristian; FRESSATO, Soleni Biscouto; NÓVOA, Jorge Luiz Bezerra (Org.). *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. EDUFBA, 2009.
- MANALANSAN IV, Martin F. In the shadows of Stonewall: Examining gay transnational politics and the diasporic dilemma. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, v. 2, n. 4, p. 425-438, 1995.
- NELSON, Tiffany Renee. *A Movement on the Verge: The Spark of Stonewall*. MAD-RUSH Undergraduate Research Conference, 2015.